

Maria Teresa Navarro de Britto Matos
Francisco José Aragão Pedroza Cunha
Alzira Queiróz Gondim Tude de Sá
Aurora Leonor Freixo
(Organizadores)

Perfil, evolução e perspectivas do ensino e da pesquisa em Arquivologia no Brasil

**Perfil, evolução e perspectivas
do ensino e da pesquisa em
Arquivologia no Brasil**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Assessor do Reitor

Paulo Costa Lima



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Maria Teresa Navarro de Britto Matos
Francisco José Aragão Pedroza Cunha
Alzira Queiróz Gondim Tude de Sá
Aurora Leonor Freixo
(Organizadores)

Perfil, evolução e perspectivas do ensino e da pesquisa em Arquivologia no Brasil

Salvador
EDUFBA
2015

2015, autores.
Direitos para esta edição cedidos à EDUFBA.
Feito o depósito legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1991, em vigor no Brasil desde 2009.

Capa, Projeto Gráfico e Editoração
Rodrigo Oyarzábal Schlabit

Revisão
Vera Maria Nazareth Andrade Chaoui

Normalização
Sandra Batista / Maria Raquel Gomes Fernandes

Sistema de Bibliotecas – UFBA

P434 Perfil, evolução e perspectivas do ensino e da pesquisa em Arquivologia no Brasil / Maria Teresa Navarro de Britto Matos... [et al.]. (Org.); prefácio de Heloisa Liberalli Bellotto – Salvador : EDUFBA, 2015.
575 p. : il.

Textos apresentados na III Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ), no período de 16 a 18 de outubro de 2013, no campus Ondina na Universidade Federal da Bahia, com o apoio do Fórum Nacional de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (FEPARQ).

ISBN 978-85-232-1417-3

1. Arquivologia – Estudo e ensino – Brasil. 2. Arquivologia – Currículos – Avaliação. 3. Arquivos – Tecnologia - Tratamento. I. Matos, Maria Teresa Navarro de Britto. II. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). III. Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). IV. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). V. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Ciência da Informação. VI. Título.

CDD – 020
CDU –025.171

Editora filiada a



EDUFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Campus de Ondina,
40170-115, Salvador-BA, Brasil
Tel/fax: (71) 3283-6164
www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

Sumário

9 Prefácio

Heloísa Liberalli Bellotto

11 Apresentação

Maria Teresa Navarro de Britto Matos

Francisco José Aragão Pedroza Cunha

Alzira Queiróz Gondim Tude de Sá

Aurora Leonor Freixo

Parte 1 – Ensino em Arquivologia

17 Los nuevos paradigmas de la archivística y sus implicaciones en la formación y en la investigación

Maria Manuela Moro Cabero

41 Formação em Arquivologia no Brasil: análise da influência acadêmico-institucional

Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus

Carlos Alberto Araújo

61 Uma proposta de formação mínima para os cursos de Arquivologia das universidades brasileiras

Flávia Helena Oliveira

Renato Tarciso Barbosa de Sousa

75 Da Arquivologia que fazemos: mapeamento dos currículos dos cursos de Arquivologia no Brasil

Welder Antônio Silva

Cíntia Chagas Arreguy

Leandro Negreiros

97 A revisão curricular na Arquivologia da UFSM como resultado da avaliação do ensino

Fernanda Kieling Pedrazzi

Rafael Chaves Ferreira

Sonia Elisabete Constante

113 A competência informacional e o desempenho acadêmico de estudantes de Arquivologia

Ivone Guerreiro Di Chiara

Linete Bartalo

Miguel Luiz Contani

- 133 **Blogs em Arquivologia: ferramentas de ensino-aprendizagem ou componentes do ato pedagógico?**
André Porto Ancona Lopez
Rodrigo Fortes Ávila
- 151 **O perfil dos arquivistas egressos do curso de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES): percurso metodológico da pesquisa**
Solange Machado de Souza
- 167 **O cenário da pós-graduação stricto sensu em Arquivologia no Brasil**
José Maria Jardim
- 185 **A pós-graduação stricto sensu em Arquivologia no Brasil**
Solange Machado de Souza
- 207 **Gestão de documentos: capacitação de agentes públicos do Poder Executivo Federal**
Djalma Mandu de Brito

Parte 2 – Comunicação científica e Arquivologia

- 227 **A comunicação científica, o acesso, a construção e o custo do conhecimento**
Sandra Lúcia Rebel Gomes
- 245 **A Reparq e a proposta de uma Associação de Ensino e Pesquisa em Arquivologia no cenário arquivístico brasileiro: balanço e perspectivas**
Cyntia Roncaglio
- 259 **O currículo Lattes como fonte de informação no estudo da produção do conhecimento científico na Arquivologia**
Leandro Coelho de Aguiar
Renata Regina Gouvêa Barbalho
Vitor Manoel Marques da Fonseca

Parte 3 – Arquivos, Arquivologia e Administração Pública

- 279 **Desafios e perspectivas de implementação da lei de acesso à informação no âmbito da Administração Pública Federal**
Paola Rodrigues Bittencourt
- 299 **Dimensões político-arquivísticas da avaliação de documentos na Administração Pública Federal (2004-2012)**
Ana Celeste Indolfo

- 317 Um estudo sobre gestão de documentos arquivísticos digitais na administração pública federal brasileira**
Brenda Couto de Brito Rocco
- 335 O patrimônio arquivístico brasileiro em perigo: mapeamento de atos lesivos e levantamento das ações adotadas pelo estado**
Cristiane Basques
Georgete Medleg Rodrigues
- 349 O lugar do arquivo: um levantamento na legislação de Minas Gerais, 1994-2011**
Renato Pinto Venâncio
- 365 Os documentos especiais à luz da Arquivologia contemporânea: uma análise a partir das instituições arquivísticas públicas da cidade do Rio de Janeiro**
Anna Carla Almeida Mariz
Thiago de Oliveira Vieira

Parte 4 – Arquivos e Tecnologias

- 387 A aplicação da taxonomia no software de descrição arquivística ICA-AToM**
Daniel Flores
Débora Flores
Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues
- 403 Acesso e preservação do patrimônio arquivístico documental: um repositório digital para o Diário de Classe**
Sérgio Renato Lampert
Daniel Flores
- 423 Metadados para preservação e segurança do Diário de Classe eletrônico da UFSM**
Débora Flores
Dulce Elaine Saul da Luz
Raul Ceretta Nunes
- 441 O banco de dados sob um olhar arquivístico através da Ciência da informação – comunicação, informação e conhecimento**
Gilberto Fladimar Rodrigues Viana
Telma Campanha de Carvalho Madio
- 457 A web 2.0 e as instituições arquivísticas nacionais de países de tradição ibérica: uma reflexão sobre a cultura participativa**
Louise Anunciação Fonseca de Oliveira
Maria Teresa Navarro de Britto Matos

Parte 5 – Organização e Tratamento de Acervos

- 479 Metodologia para levantamento tipológico em arquivos pessoais de cientistas**
Márcia Cristina Duarte Trancos
Maria Celina Soares de Mello e Silva
- 495 Descrição e acesso ao patrimônio documental da UFSM: o Campus Avançado de Roraima**
Camila Poerschke Rodrigues
Daniel Flores
Sérgio Renato Lampert
- 513 Arquivo como instrumento: da gestão de atividades pessoais a ponto de referência de memórias coletivas – um olhar sobre o arquivo pessoal de Dom Adriano Mandarino Hypólito**
Bruno Ferreira Leite
João Marcus Assis
- 525 Uma relação distante: análise sobre a utilização de métodos bibliométricos / quantitativos pela Arquivologia**
Roberto Lopes dos Santos Júnior
- 541 Os arquivos da Biblioteca Nacional: contribuições para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa sobre a construção de uma rede de informações científicas**
Carlos Henrique Juvêncio
Georgete Medleg Rodrigues
- 555 A noção de ramificação dos documentos arquivísticos: o exemplo dos fundos relacionados à Guerrilha do Araguaia**
Shirley Carvalhêdo
- 573 Recomendações e moções**

Prefácio

A demonstração da consolidação de uma área do conhecimento que se pretende conjunção de saber e de profissão, carreando em seu entorno todos os elementos vitais à sua existência e desenvolvimento, dá-se quando essa área é capaz de demonstrar que está habilitada a ter e a manter uma identidade própria, que a torne inconfundível e única.

A Arquivologia no Brasil, como área de saber universitário e de profissão inequívoca, ao aproximar-se de seu cinquentenário de existência como tal, parece ter finalmente chegado a essa consolidação. No decorrer desse tempo tem-se assistido paulatinamente ao desenvolvimento e enraizamento de uma “ciência” que vai produzindo seus frutos como área do saber e como profissão. Pesquisas em andamento, resultados de pesquisas aplicadas a arquivos, aperfeiçoamento metodológico e prático, formação consistente de novos profissionais, educação contínua para os já experientes na área – esse é o panorama atual, não obstante o difícil momento pelo qual passa o país.

Participei desta III Reunião de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (Reparq) na qualidade de ministrante de *workshop* sobre o preparo didático dos professores de Arquivologia, o que me proporcionou a possibilidade de assistir à maioria das sessões e pude acompanhar a pertinência e a acuidade dos trabalhos apresentados. A soma das informações ali divulgadas e discutidas apresenta um rico panorama para melhor compreender-se esse momento do panorama arquivístico no Brasil. A publicação dos trabalhos ali apresentados é um precioso presente que a Editora da Universidade Federal da Bahia, com o apoio financeiro da Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, ora nos proporciona.

Esta coletânea, na verdade, representa um quadro que demonstra o amadurecimento a que chegaram os cursos universitários da área: o entrosamento entre professores, mestrandos e doutorandos na apresentação de suas pesquisas, reflexões e perplexidades. São desafios a enfrentar, com ênfase, como seria de se esperar, nos novos paradigmas para o ensino e a pes-

quisa; na discussão da formação no que concerne às necessidades curriculares em um mundo tão cambiante como o presente; na produção, acesso, uso e guarda dos documentos digitais.

De um lado, nas organizações, o momento é de mudanças reclamadas pela tecnologia, pela competitividade e pelos ambientes no mercado global, tudo isso a exigir profundas mudanças nos sistemas de informação, nos quais se inserem os arquivos; de outro lado, os governos em escala mundial, vêm-se diante das transformações nos sistemas burocráticos e diante da necessidade gritante de transparência administrativa demarcada pela força da cidadania. Tudo isso exigindo mais e mais a modernização e atualização dos sistemas arquivísticos. Exigindo, portanto, inovações, e essas, só serão eficazes se baseadas em pesquisas e estudos que as construam e desenvolvam, resultando em projetos concretos. Assim, cresce a demanda por professores capazes de formar profissionais habilitados para tanto. E o panorama apresentado por esta III Reparq demonstra que estamos no caminho certo.

Os trabalhos ora reunidos nessa coletânea vem justamente contribuir para satisfazer essa demanda de novos paradigmas teóricos e metodológicos que respondam à aquela desafiadora demanda. O conteúdo desses trabalhos pode trazer respostas aos desafios profissionais que diariamente recebem os arquivistas – e cada vez mais.

Em boa hora o Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia propõe-se a publicar os resultados da III Reparq, resultados esses que certamente iluminarão futuros caminhos da pesquisa e do ensino da Arquivologia no Brasil.

São Paulo, 15 de setembro de 2015

Heloísa Liberalli Bellotto
Universidade de São Paulo. SP

Apresentação

A coletânea *Perfil, evolução e perspectivas do ensino e da pesquisa em Arquivologia no Brasil* reúne os resultados de pesquisas apresentadas na III Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ), realizada pelo Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia na cidade de Salvador, Bahia, no período de 16 a 18 de outubro de 2013, no Campus Ondina, com o apoio do Fórum Nacional de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Pesquisas em fase de desenvolvimento e/ou concluídas, empreendidas por docentes, discentes (mestrandos e doutorandos) e pesquisadores da área vinculados a universidades e demais instituições dedicadas à pesquisa. Entende-se que publicar resultados de pesquisa é tão importante quanto a própria pesquisa e corresponde a uma das funções sociais da ciência.

Este livro parte do pressuposto de que a institucionalização da Arquivologia, como campo acadêmico-científico, no Brasil, encontra-se em processo de consolidação, devido às conquistas em âmbito nacional e, também, pela própria afirmação da área, na esfera internacional. Entre os anos de 1977 e 2012, o ensino universitário da Arquivologia, na graduação, vem se expandido e conquistando identidade própria. Totalizam, no momento, 17 cursos de graduação, todos ministrados por universidades públicas federais e estaduais, distribuídos nas 5 regiões geopolíticas do Brasil. Da mesma forma, são vários os indicadores do crescimento da pesquisa em Arquivologia nas universidades, instituições arquivísticas e outras organizações. Contudo registrava-se a ausência de mestrado e doutorado em Arquivologia, o que motivou uma demanda dos profissionais da área junto a programas de pós-graduação em Ciência da Informação, História, Administração, Educação e Engenharia de Produção. O ano de 2012 se apresentou como marco significativo na história da Arquivologia brasileira, quanto à pós-graduação, por meio da criação do primeiro curso de Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Uma ação oportuna e de significado valioso quanto aos futuros caminhos da Arquivologia, sob as perspectivas do Plano Nacional de Educação (2011-2020), do Plano

Nacional de Pós-Graduação (2011-2020) e do incremento de políticas públicas de fomento a pesquisa e à inovação.

A evolução dessa trajetória possibilita a demarcação da área conquistada pela Arquivologia junto às demais ciências, além de subsidiar a construção de uma consciência coletiva da comunidade arquivística no Brasil, representada por discentes, docentes e pesquisadores. Nesse contexto de grande significado para a Arquivologia, cabe ressaltar que a presente coletânea se constitui de 31 textos produzidos por 50 autores, comprometidos em dar ênfase às questões estratégicas de interesse para a Arquivologia brasileira, no século XXI. Importante registrar, também, que os referidos textos foram todos apresentados, enquanto conferências e comunicações orais de pesquisa, no âmbito da III Reparq.

A Reunião contou com o honroso apoio dos seguintes órgãos de fomento à pesquisa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

Embora com um eixo comum, considerando a abrangência dos temas objeto dos textos produzidos, optou-se por agrupá-los em 5 partes: “Ensino em Arquivologia”; “Comunicação Científica em Arquivologia”; “Arquivos, Arquivologia e Administração Pública”; “Arquivos e Tecnologias” e “Organização e Tratamento de Acervos”. Soma-se, ainda, a publicação das Recomendações e Moções aprovadas na Plenária de Encerramento da III REPARQ.

A primeira nos remete ao “Ensino em Arquivologia”. Destaca questões relativas aos novos paradigmas e a formação em Arquivologia: grade curricular; competências e desempenho acadêmico de estudantes; perfil de egressos; pós-graduação *lato e stricto sensu*; capacitação de agentes públicos e, ferramentas de ensino-aprendizagem.

“Comunicação Científica em Arquivologia”, tema da segunda parte, trata da comunicação científica, do acesso, da construção e do custo do conhecimento; da proposta de criação de uma Associação de Ensino e Pesquisa em Arquivologia, além do currículo *Lattes* como fonte de informação no estudo da produção do conhecimento científico.

A terceira, “Arquivos, Arquivologia e Administração Pública”, apresenta os desafios no âmbito da administração pública brasileira em relação às perspectivas da implementação da Lei de Acesso à Informação; as dimensões político-arquivísticas da avaliação de documentos; a gestão de documentos arquivísticos digitais; o mapeamento de atos lesivos ao patrimônio arquivístico e das ações do Estado; o lugar do arquivo na legislação e, os documentos especiais custodiados por instituições arquivísticas públicas.

A quarta, “Arquivos e Tecnologias”, refere-se à aplicação da taxonomia no *software* de descrição arquivística ICA-AtoM; o banco de dados sob um olhar arquivístico; repositórios digitais; e a *web 2.0* e instituições arquivísticas.

“Organização e Tratamento de Acervos”, quinta parte, registra a discussão em torno do levantamento tipológico em arquivos pessoais; da descrição e acesso ao patrimônio documental; da gestão de atividades pessoais; da análise sobre a utilização de métodos bibliotecnômicos / quantitativos; dos arquivos da Biblioteca Nacional; e da noção de ramificação dos documentos arquivísticos.

Nossos agradecimentos à Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA) cujo apoio foi decisivo para tornar possível a publicação deste livro, sob a honrosa chancela da FAPESB. Assegurando, portanto, a divulgação e a socialização das pesquisas apresentadas durante a III REPARQ. O conhecimento publicado confere a base essencial com vistas ao fortalecimento de uma cultura científica na área de Arquivologia.

Salvador, Bahia, março de 2015.

Maria Teresa Navarro de Britto Matos
Francisco José Aragão Pedroza Cunha
Alzira Queiróz Gondim Tude de Sá
Aurora Leonor Freixo

Blogs em Arquivologia: ferramentas de ensino-aprendizagem ou componentes do ato pedagógico?

André Porto Ancona Lopez

Rodrigo Fortes Ávila

O professor de filosofia da Universidade de Brasília (UnB), Julio Cabrera (2010), inicia o *Diário de um filósofo no Brasil* com um questionamento que deveria inquietar os docentes universitários brasileiros, independente da área de atuação: *O que estamos fazendo com os nossos estudantes de graduação?*

Esta questão intrigante é acompanhada por argumentos ainda mais agudos que evidenciam a crise geral de criatividade dos cursos de graduação. O que mais nos chama a atenção em suas palavras não é a simples constatação do problema, mas a evidência de que essa fragilidade é intrínseca ao próprio sistema universitário e a maneira de administrar a atividade de docência, que pressupõe a conjunção dos conhecimentos específicos da área de formação do professor com saberes pedagógicos. Estes últimos muitas vezes são negligenciados no percurso da graduação. É comum vermos no ensino universitário a mera replicação de conhecimentos que tiveram a sua gênese em outros contextos, distintos do ambiente de compartilhamento de experiências entre docentes e discentes.

A imagem que se tem do ambiente universitário é repleta de descompassos. O discente finge que aprende; já que repete fórmulas para poder atingir a nota máxima nos exames¹ da disciplina. O bom aluno não é aquele que desenvolve conhecimento pessoal, porém o que tem

1 Cipriano Luckesi (2011) discute a perspectiva dos exames como um elemento que considera o discente como um “ser pronto”, destacando o caráter extremamente punitivo desse tipo de recurso, ainda atrelado ao contexto medieval de avaliação. Em outra perspectiva, a avaliação em si deve ser uma ferramenta intrínseca ao ato pedagógico, um elemento basilar de um diagnóstico que auxilie o processo de ensino-aprendizagem.

a habilidade de replicar o ponto de vista do professor. O docente se ilude que ensina, quanto mais o aprendiz decora e repete seus conceitos “transferidos” nas aulas. Por último, a universidade difunde um auto-ilusório discurso de ser um local de excelência em ensino-aprendizagem. Um rápido e esquemático diagnóstico aponta para a evidente conclusão de um pacto implícito de todos os atores de auto-ilusão e de mútua enganação.

A constatação a que Cabrera (2010) nos remete é extremamente contundente: a universidade passou a ser um local onde a criatividade se tornou um obstáculo, ao invés de ser uma poderosa aliada na construção do conhecimento. Por tal motivo, recorrentemente, se busca afastá-la desse ambiente, limitando (e/ou excluindo) os alunos criativos, que possuem raciocínio crítico e original. Em outras palavras, a originalidade e a criatividade são elementos rapidamente banidos tão logo o aprendiz se insere no ensino superior, afinal, dizem alguns, não são condizentes com a seriedade do ambiente universitário.

Cabrera (2010) toca ainda mais fundo na ferida ao afirmar que se tenta formar grandes comentadores de autores que já deixaram o seu legado intelectual, ao invés de graduandos que possam pensar sozinhos nas questões que afligem a nossa contemporaneidade. Nas palavras de outra autora, a universidade não é mais concebida como um “[...] espaço que permite ao aluno ter o contato com a atividade-fim, com as experiências que poderão ser vivenciadas no campo profissional, sendo o professor o orientador do processo que interfere cada vez menos nas construções dos alunos”. (SILVA, 2011, p. 55)

Em nosso entendimento, a docência deveria estimular o indivíduo a rever e mudar os passos na direção de sua vida, “[...] a pensar questões não só dentro da área técnica, mas também para a existência como pessoa e profissional”. (SILVA, 2011, p. 54) Cabe, pois, questionar o que nós, docentes universitários dos cursos de Arquivologia no Brasil, almejamos aos nossos egressos: grandes comentadores ou pequenos arquivistas? Esses parecem ser os dois caminhos – aparentemente, vias sem-saída - possíveis para um discente universitário brasileiro.

As preocupações embutidas nas ideias de Julio Cabrera (2010) já eram evidenciadas na década de 1960, no sistema educacional norte-americano, pelo filósofo Ivan Illich (1985). O autor preconizava uma sociedade sem escolas, posto que haviam perdido a sua funcionalidade, tornando-se ambientes institucionalizados e invadidos pela sufocante burocracia, afastadas dos reais problemas sociais. Para ele, aquelas se tornavam meras máquinas reprodutoras do *status quo*, instituições de controle social.

O então ex-ministro da educação Cristovam Buarque (1994) intensificou as críticas a tal “*esquizofrenia*”² universitária. Para o educador brasileiro, o grande desafio da universidade

2 Termo utilizado pelos autores do texto para designar a falta de diálogo social evidente nas universidades. Esses centros vivem submersos em seu mundo interior (a famosa “bolha”), sem contato com a diversidade e com a alteridade. Segundo

está exatamente em saber como entrar em contato com os problemas reais oriundos da sociedade. Em abrir as portas para o diálogo efetivo com a cidadania. Esta postura nos coloca o desafio de refletir como sair da proteção, e da zona de conforto, que os muros universitários simbólicos (e físicos) nos proporcionam. Será que nossa insegurança (e incapacidade?) de discutir questões sociais relevantes, justifica e eterniza tal estado de coisas?

Nesse sentido, Cristovam Buarque (1994) constata que as universidades perderam o caráter de vanguarda, característico de sua trajetória histórica. Esses grandes centros de aprendizagem tinham a responsabilidade de incentivar a inventividade, intensificar a capacidade de seus membros em realizar descobertas. Atualmente, porém, apresentam as funções de expulsar o pensamento inovador e manter vivas as ideias que já tem o seu espaço demarcado, por intermédio da replicação.

A questão central desta discussão é retomada em texto recente da área da Arquivologia. No debate permeado por questões relativas à formação profissional, o autor acaba por elucidar o perfil dos graduados, observados empiricamente no decorrer de sua trajetória como docente universitário.

Em um esboço de perfil, possível de ser delineado a partir de observações empíricas, o graduado pode ser descrito como uma pessoa jovem, com pouca experiência prévia e conhecimentos externos restritos. Em geral encontram dificuldades em desenvolver todas as fases do ciclo documental, assim como em trabalhar em projetos de memória, mais ligados a documentos permanentes. Têm pouca familiaridade com os problemas relacionados à História ou à Administração. Não obstante, apresentam boa competência na aplicação de normas e procedimentos. Em geral, a despeito das expertises técnicas, demonstram dificuldade em analisar criticamente tais normas e não conseguem enxergar a ‘grande figura’ necessária para discutir uma política arquivística ampla. (LOPEZ, 2012, p. 185)

Os argumentos até aqui apresentados servem de pano de fundo tanto para evidenciar a necessidade da “desburocratização” e da “destecnicização” dos modos e maneiras de ensinar em nível universitário, bem como para estimular a busca por sistemas de aprendizado mais condizentes com os dilemas e problemas atuais. A universidade que não pensa, meramente reprodutora e estática, deve ser transformada, por nós, docentes, em um ambiente inovador, criador e promotor das transformações sociais. Para tanto, não se pode relegar a funcionalidade e as transformações culturais, políticas, históricas econômicas e sociais proporcionadas

Cristovam Buarque (1994), essa realidade não se dá pela falta de interlocutores. É consequência de uma postura histórica tomada recentemente por essas instituições, antes vistas como vanguardistas e inovadoras.

pelas TIC. Cabe ainda pensar sobre seu potencial inovador para os debates arquivísticos e o avanço da área da Arquivologia.

Sobre os muros da escola³: as TIC como instrumento de aprendizagem

As questões atuais impõem que, para que se abra o espaço de diálogo e intercâmbio com os atores sociais, é mister considerar o debate social em torno dos impactos e desafios que o uso das TIC desencadeia ao ambiente universitário. Há uma discussão relevante, em termos pedagógicos, na qual o paradigma educacional alternativo emergente já parece ser uma realidade. Santos (1989) propõe práticas inovadoras para esse caminho pautando-se na relação teoria e prática; na elaboração do conhecimento por intermédio dos saberes prévios dos aprendizes, pelo estabelecimento de práticas dialógicas e reflexivas, pelo atrelamento natural do ensino com a pesquisa, e, pelo diálogo pedagógico horizontalizado entre docentes e discentes. Estas noções nos trazem uma questão ainda mais intrigante: como inserir o uso das tecnologias no processo aprendizagem?

A problemática se agudiza com a percepção de que as TIC arrastaram consigo vários desafios ao processo de formação e constituição dos arquivos. É comum o medo dos graduandos sobre a possibilidade de substituição dos profissionais que gerenciam a informação arquivística por sistemas computacionais, capazes de coletar, organizar e armazenar insumos informacionais de maneira digital. Este cenário sugere novas questões em nossos ambientes de discussões: para que serve um profissional de arquivo? É realmente necessária a contratação desse tipo de profissional nas organizações em um ambiente social extremamente tecnológico?⁴

Todos esses fatos revelam que a transformação do paradigma antecessor de formação só é possível acontecer se o uso da tecnologia estiver associado a uma postura de construção de conhecimento assumida pelo discente, como sujeito (a) criador (a) de seu ambiente de aprendizagem. Quando este ator é estimulado a tomar as suas decisões de maneira crítica e a pensar a prática como um objeto epistemológico, podemos afirmar que estamos saindo

3 O diretor de cinema francês Laurent Cantet discute os dilemas dos docentes nas escolas públicas francesas em seu excelente filme *“Entre os muros da escola”* (1998). Um professor de gramática quer ensinar temas que não fazem parte da realidade dos discentes. Dessa maneira, vê-se tomado por uma crise na sua função educativa. Podemos ver o descompasso entre a filosofia da escola tradicional e a realidade social dos aprendizes. O *“Entre”* do título do filme foi substituído pelo *“Sobre”* em nosso tópico. Uma metáfora que nos remete a imagem das TIC permitindo a observação do ambiente universitário por cima dos muros.

4 Aqui sintetizamos duas das infindáveis questões apresentadas pelos graduandos de Arquivologia. Aqueles que ocupam cargos de docência nas universidades sabem do que estamos tratando.

de uma concepção digestiva do conhecimento⁵ e nos inserindo na possibilidade de escolha, libertação e autonomia. Ou seja, as opções epistemológicas devem alcançar a problematização do conhecimento com a realidade contextualizada na qual “[...] o professor estimule nos alunos o desenvolvimento de capacidades para jogar o jogo e, sobretudo, para mudar as regras do jogo, na perspectiva da educação como emancipação”. (CORTESÃO, 2006, p. 68)

Realçemos o fato explícito de que as TIC possibilitam a transformação no modelo de comunicação vertical de uma aula tradicional. Desde que haja a perspectiva de romper com o modelo da comunicação de um para muitos, buscando um ambiente que favoreça o crescimento cognitivo dos aprendizes. Para isso, torna-se necessário compreender que o conjunto das ações didáticas deve ser considerado como uma estratégia de pensamento, como um método que auxilie de maneira direta a construção do conhecimento.⁶

Importa destacar que concorrem para o objetivo dessa ação não apenas a mudança de conceitos relativos à formação acadêmica, como também o uso adequado das ferramentas tecnológicas.⁷ Trata-se de observar não apenas o tipo de informação que utilizaremos por intermédio das TIC, mas, principalmente as funções e os objetivos a serem alcançados. As TIC são utilizadas cotidianamente com diversas funcionalidades, porém geralmente são negligenciadas no âmbito educacional. Parece ser válida, então, a hipótese de que um ensino excessivamente pautado nos meios tradicionais teria como consequência a falta de interesse dos estudantes. Geralmente esta ausência de interesse não se dá de maneira isolada, podendo estar associada à inadequação de objetivos pedagógicos, ofuscada pelo foco conteudista, bem como à incapacidade de dimensionar as estratégias de ensino às realidades locais e individuais.

No presente trabalho destacamos duas experiências de ensino, geograficamente afastadas, situadas em regiões distintas do país, nordeste e centro-oeste, ampliando o mosaico das diferenças culturais, estruturais e contextuais, aspectos que poderiam ser conflitantes para avaliação de atividades de docência. Buscamos compartilhar e analisar experiências semelhantes com o uso das TIC na graduação em Arquivologia – uma na UnB e outra na UEPB

5 Paulo Freire (2011) alude a duas concepções conflitantes de ensino-aprendizagem. Na primeira, nomeada concepção digestiva ou nutricionista do conhecimento, corriqueiramente referida como “educação bancária”, o “a-luno” (do latim, *sem luz*) é visto como um vasilhame de depósito do conteúdo programático. Nesta concepção, o professor deve encher o discente de respostas, transferindo o máximo de conhecimento para sua absorção. Já na segunda concepção pedagógica, o próprio discente constrói o seu ambiente de aprendizagem. É dele que surgem os temas geradores que vão orientar a prática pedagógica do mediador do debate. Ou seja, o conhecimento é construído de maneira conjunta, tendo como principal elemento balizador a autonomia do sujeito.

6 Essa discussão é aprofundada por Vygotsky (1991) em seus estudos acerca da formação social da mente e de como o conhecimento pode ser construído de maneira efetiva pelos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. O conhecimento deve ser analisado como um insumo subjetivo, e não como um objeto exterior àquele que aprende.

7 Recentemente destacamos a docência em uma equação didática. Docência = conhecimentos específicos + saberes pedagógicos. Agora, somam-se a estas variáveis os *saberes tecnológicos*, aumentando a complexidade da função.

– pautadas pela execução de atividades didáticas por meio de *blogs*, que passam a auxiliar no acompanhamento do ato pedagógico em si.

Nos *blogs* de *Diplomática e Tipologia Documental (DTD)*⁸ e *Vivarquivos*⁹ a construção do modelo e a aplicação prática foram sendo armadas de maneira conjunta. Tal fato evidenciou a importância do fator adaptabilidade da ferramenta, bem como a necessidade de moldar recursos tecnológicos aos requisitos didáticos das disciplinas. Cabe apontar que a construção dinâmica desses ambientes de aprendizagem ocorre sob forte influência da participação discente, dando permeabilidade e integração aos elementos extremos da atividade didática.

***Blogs*: estratégia de aprendizagem ou componente do ato pedagógico?**

Dito de maneira resumida, o objetivo precípua dos docentes está em desenvolver mecanismos para facilitar a aprendizagem. Nesse sentido, os *blogs* possibilitam que os projetos de aula possam ser compartilhados e úteis aos novos aprendizes. Por este motivo são considerados uma ferramenta atrelada à gestão do conhecimento,¹⁰ na medida em que registram debates, dúvidas e conclusões. Ao serem observados em outra perspectiva, os *blogs* também podem ser elementos intrínsecos ao ato pedagógico, ao se transformarem em ferramentas de diagnóstico e análise dos caminhos do processo de ensino-aprendizagem. Este segundo caminho instrumenta-os como insumos ao monitoramento no processo de aprendizagem, possibilitando a retroalimentação das aulas, retomando pontos cruciais; tornando-se essencial à avaliação do conhecimento ao indicar pontos que precisam ser reabordados e reelaborados, bem como permitindo o contínuo repensar das práticas docentes.

Ao aprofundar a análise, temos a capacidade de promover o compartilhamento da informação, dando fluxo aos conhecimentos construídos pelos aprendizes. A ferramenta desenvolvida pelos próprios discentes torna o processo resgatável e passível de ser o fio condutor de novas discussões e debates para as turmas sucessoras, transformando os aprendizes em produtores de novos conteúdos/abordagens de ensino. A ideia de que a transformação científica se dá pelo acúmulo de hipóteses passa a ter como aliados os bancos de registros discentes, cujo acesso representa um valioso insumo para incitar a criatividade nos novos aprendizes. As ferramentas das redes sociais da *web 2.0* intensificam o debate e a interação entre pesquisadores. Ademais, podemos explorar a importância que os *blogs* assumem no processo de

8 Disponível em: <http://diplomaticaetipologia.blogspot.com.br/>.

9 Disponível em: <http://vivarquivos.blogspot.com.br/>.

10 Para mais detalhes ver Choo (2006). Não adentramos aqui na polêmica discussão acerca da validade da conceituação “gestão do conhecimento”, debate recorrente no campo da Ciência da Informação.

avaliação continuada das atividades no decorrer do período letivo. Estes recursos oferecem, de maneira efetiva, o diagnóstico do progresso individual do aprendiz na construção do conhecimento.

Trabalhos de sala não mais se perdem nos registros de acompanhamento das turmas dos docentes e podem ser compartilhados por todos (aprendizes atuais, futuros e ex-discentes da disciplina). Este ponto realça a transformação de paradigma dos arquivos no exercício da função de docência. Isto dá relevo à noção de pós-custodialidade, abordada pelos canadenses com a ideia da Arquivística Integrada, desenvolvida a partir dos anos 1980¹¹ por Silva e Ribeiro (2002), posteriormente aprofundada por José Maria Jardim e Maria Odila Fonseca (2004). Em termos mais objetivos, afirmamos que os registros das aulas com os *blogs* refutam a noção de guarda e custódia, em concordância com o modelo de fluxo e acesso. Deslocam-se da estabilidade para a dinamicidade na construção de novos conhecimentos, permitindo a constante retroalimentação deles mesmos. Evidencia-se, assim, um elemento de “*meta-pós-custodialidade*”, na medida em que, concomitantemente, se discute, se registra e se opera o fluxo contínuo dos registros.

Enquanto os discentes pensam a própria prática, aprofundam as discussões acerca do próprio laboratório das experiências vividas, o que é de suma importância para relacionar conceitos discutidos em sala com aplicações práticas diretas. O educador Paulo Freire (2002), enfatiza o “pensar a prática”, ilustrando esse tipo de situação, capaz de possibilitar a autonomia, no sentido de independência na construção do conhecimento, por intermédio da comunicação dialógica.

Os *blogs* permitem (e tentam capacitar) que o aluno observe o “como aprender”, no sentido de que o próprio corpo discente desenvolve seus trabalhos. (ABREU; MASETTO, 1999) O discente, que se depara com as dificuldades impostas pelo processo de formação dos arquivos na contemporaneidade, é estimulado a ir além e a refletir acerca dos dilemas da constituição dos conjuntos documentais por intermédio da informatização dos processos e metodologias das ações arquivísticas.

As discussões ocorridas no contato presencial têm continuidade nos *blogs*, após o término dos encontros. Aproveita-se o ambiente de discussão *online* para ampliar a reflexão para além dos muros da universidade. Os pontos de debate são trabalhados dentro e fora do ambiente acadêmico, gerando também questionamentos relacionados às aplicações nos estágios extracurriculares discentes, dando melhor embasamento à noção de que a relação entre

11 Este conceito, muitas vezes não condizente com a prática, abole a separação entre arquivos históricos e correntes, evidenciada pela noção americana da gestão de documentos. Os canadenses consideram um único ciclo de vida para os conjuntos documentais, como uma tentativa de encarar os desafios da “Era da Informação”.

a teoria e prática deveria ser um elemento substancial à experiência dos estágios. A atividade prática deveria, em princípio, ser pensada sob a ótica das circunstâncias do arcabouço teórico universitário, já que este transgride e modifica o agir humano.

O objetivo que marca a experiência de trabalho com os *blogs* é a articulação entre a possibilidade de construção do sentido de independência e autonomia do aprendiz (FREIRE, 2002) com o enfrentamento de questões e problemas que podem emergir em situações reais de aprendizagem e que, futuramente, estarão na prática profissional. Tem-se a construção das possibilidades de aproximação crítica do objeto do conhecimento com liberdade, criatividade e reflexão. O laboratório *online* permite “brincar” com conceitos, manejar tecnologias de comunicação em rede e auxiliar no desenvolvimento do fator cognitivo do corpo discente.

Da teoria à prática: experiências com *blogs* em Arquivologia

A inserção dos *blogs* nas duas universidades surgiu de maneira intuitiva, não planejada. O decorrer das experiências auxiliou o processo de sistematização das ações. As maneiras de motivação foram sendo aprimoradas. A princípio, as TIC eram utilizadas como meros depósitos dos trabalhos finais. Atualmente fazem parte do cronograma do período letivo (LOPEZ; ÁVILA, 2011), no blog *Diplomática e Tipologia Documental*.

Na UnB, os *blogs* discentes são coordenados pelo “*Blog-mãe*”, onde os primeiros funcionam como espécies de “satélites”. Percebe-se que a busca da autonomia participativa está presente nos primeiros passos do projeto, onde os graduandos elaboram *blogs* com assuntos de seu interesse, direcionados pelo professor, dependendo da turma e do semestre. Os aprendizes constroem suas estruturas em consonância com o tema escolhido e são orientados a mantê-los atualizados no foco da disciplina. Os temas são abrangentes para que eles exercitem questões cotidianas correlatas aos arquivos, com respeito à diversidade de opiniões, e como sujeitos envolvidos no processo, se auto-observem continuamente para “[...] análise da própria prática, das razões que sustentam as decisões e dos contextos que a limitam ou condicionam”. (CONTRERAS DOMINGO, 2002, p. 196)

No caso da UEPB, o *blog Vivarquivos* funciona como elemento intermediário de interlocução entre os temas sugeridos para discussão e a participação dos discentes nos debates. Temos aqui um elemento motivador e aglutinador de reflexões. Tal percurso é natural, levando-se em conta que tal ação começa a ser implantada na universidade, refletindo ainda os passos iniciais do trabalho pioneiro realizado na UnB há mais de quatro anos.

Considere-se também o fato do “*Blog-mãe*” na UnB responder a uma disciplina específica, a Diplomática, enquanto na UEPB o *blog Vivarquivos* foi responsável por coordenar

as discussões de três disciplinas de maneira concomitante: “Políticas Arquivísticas,” “Usos e Usuários da Informação Arquivística” e “Gestão de Instituições Arquivísticas”. Tal característica já denota a distinção no comando dos blogs e a necessidade de reestruturação do planejamento de acordo com as realidades específicas.

Nos momentos iniciais, as formas de motivação resumiam-se às tarefas em sala, onde os discentes respondiam nos *blogs* de seus respectivos grupos. No decorrer do processo houve inclusões de atividades orientadas. Poderíamos dizer que, no caso da UEPB, as discussões presenciais eram orientadas pelo *blog Vivarquivos*, funcionando como elemento balizador do caminho a ser percorrido durante o período.

O objetivo buscado no trabalho com as ferramentas das TIC se coaduna à tentativa de construção de um ambiente colaborativo e integrador de opiniões discentes. Este fator traz um contraponto às posturas competitivas e omissas que os encontros presenciais muitas vezes apresentam.

A competição é um jogo discreto, que não acrescenta nada, jogado pelos indivíduos em proveito próprio; o conflito é aberto e, por vezes, áspero, mas sempre comunitário, um encontro público no qual todos podem ganhar aprendendo e crescendo. A competição é a antítese da comunidade, um ácido que pode dissolver a trama das relações. O conflito é a dinâmica por meio da qual testamos as ideias ao ar livre, em um esforço comunitário de tirar o máximo proveito uns dos outros para compreender o mundo. (PALMER, 2011, p. 119)

Na UnB, os discentes passaram a observar os trabalhos de outros grupos, contribuindo para a melhoria de seu aprendizado. Do diálogo permanente (presencial e virtual) acerca do funcionamento da dinâmica da aula e das atividades registradas *online*, surgiram sugestões de mudança advindas dos próprios aprendizes. A fluidez da ferramenta e as potencialidades embutidas em seu uso para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem acionam a necessidade de se repensar continuamente as estratégias de coordenação.

Desde o início do uso dos *blogs*, os discentes têm a oportunidade de discutir temas afetos à disciplina fora dos encontros presenciais. Isso é muito significativo. Altera a estrutura de comunicação professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno. O intercâmbio de informações passa a ser menos dependente da figura centralizadora do professor tradicional, que passa a ser mais um sujeito envolvido no processo de comunicação, com a função de orientação e coordenação dos rumos das discussões.

A dinâmica do trabalho destaca a proposição de desafios e reflexões sobre filmes, reportagens, entre outras mídias, trazendo as questões teóricas da Arquivologia para exemplos da vida cotidiana, inteligíveis para todos os discentes e para os “visitantes externos”. Além

disso, a ferramenta auxilia a busca de textos complementares que ampliam os referenciais teóricos das disciplinas, contribuindo para a formação profissional, acadêmica e intelectual dos graduandos. Possibilita ainda o intercâmbio com especialistas e pessoas da comunidade em geral, através de comentários e postagens realizadas no ambiente virtual. Tal conexão com a sociedade “extra-muros” seria menos efetiva no ambiente metodológico de viés tradicional, encerrado nas “quatro paredes” das salas de aula, como se exemplifica adiante, com o resumo de duas experiências de atividades que complementam abordagens de ensino-aprendizagem.

O sabor lúdico do virtual: “Ciranda-cirandinha vamos todos cirandar”¹²

O primeiro “jogo lúdico virtual” a ser discutido é a brincadeira denominada “ciranda-cirandinha”, realizada sob a orientação do *Blog* principal da disciplina de *Diplomática e Tipologia Documental* da UnB. Ciranda-cirandinha faz referência à atividade realizada por intermédio do “*Blog-mãe*” e que, posteriormente, é utilizada presencialmente; tornando-se subsídio à discussão de tópicos do programa da disciplina. O nome faz alusão à brincadeira infantil cujos brincantes entrelaçam as mãos e entoam uma cantiga, dançando de maneira ritmada em formato de círculo. Nela, comunga-se a dança conjunta, ou seja, a união dos participantes. A ação realizada virtualmente expressa os mesmos objetivos da brincadeira real: realçar a convivência dos participantes e evidenciar a unidade do grupo.

Esta atividade alterna duas maneiras de ensino-aprendizagem, tanto a convencional (presencial) quanto a alternativa/emergente. O “jogo/brincadeira” denota a necessidade de leitura prévia do texto a ser debatido no encontro presencial subsequente. As regras da “brincadeira” são explicitadas na postagem relacionada à ação, sendo definidas de forma clara. O aprendiz “A” faz uma questão ao aprendiz “B”; o aprendiz “B” responde a pergunta de “A” e lança outro questionamento a “C”. Este último responde “B” e levanta outra questão a “D”. E assim sucessivamente, até que todos os discentes participem ao menos uma vez do jogo virtual. A brincadeira cessa quando o aprendiz “A” responde ao questionamento do último; já que aquele inicia a brincadeira com uma questão, sem ter a obrigatoriedade de responder alguma.

Esse sistema de trabalho é orientado pela bibliografia do programa, já que as questões são fruto das leituras expostas naquele documento. A qualidade das questões é avaliada pela equipe de monitoria, que tem a função de observar a validade em termos de capacidade problematizadora. Questões irrelevantes e de cunho meramente reprodutivo, bem como aquelas fora do foco da discussão, são invalidadas pela equipe, ficando o participante responsável por

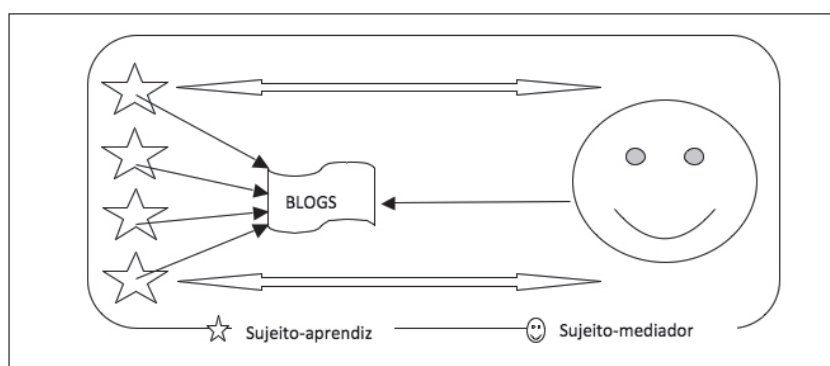
12 Tal atividade e o funcionamento geral do *blog Diplomática e Tipologia Documental* foram abordados em Lopez et al. (2011).

reformulá-la. O encerramento da atividade se dá em sala, na aula seguinte, quando as ideias são discutidas com a mediação do professor, solidificando os conceitos.

A atividade dá ao aprendizado um caráter extremamente lúdico, intensificando a participação dos aprendizes no processo de construção do conhecimento. Educadores eminentes, como Paulo Freire e Rubem Alves, enfatizam que toda aprendizagem deve conter como insumos preponderantes o prazer e a motivação. O discente pode ter a oportunidade de ver seus pensamentos e argumentos fora de si. O que antes era interiorizado torna-se exterior, compactuando o processo de transferência e transformação de conhecimento destacado por Choo (2006).¹³ Os comentários do *blog* podem ser observados tanto pelos membros da turma como por visitantes externos. Isso aumenta o compromisso individual e a responsabilidade dos indivíduos com os temas, trazendo a leitura crítica do texto como pressuposto indispensável a problematização.

Esta sistemática propicia que os temas da discussão presencial sejam demandados pelos discentes. Suas questões trazem o foco do debate e os pontos de entendimento que devem ser fortalecidos pelo mediador. Podemos dizer que os aprendizes geram os temas de discussão e o ponto central do processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, o professor torna-se mediador, a partir dos estímulos sugeridos pelos “discentes-sujeitos”. O “tema/texto-objeto” dos *blogs* representam o intermediário na discussão; que também pode abranger textos complementares ou discordantes em termos conceituais.

Figura 1 – Sistemática de ensino-aprendizagem com *blogs*



Fonte: elaborada pelos autores.

13 A transferência do conhecimento implícito para explícito é conceituada como exteriorização. O caminho contrário de interiorização. Já a passagem do implícito para o implícito, socialização. Por último, temos o caminho do explícito para explícito, nomeado combinação.

A exposição individual dos comentários tanto pode ser uma característica motivadora como também a sua antítese. Em alguns poucos casos, o procedimento de expor comentários pessoais de textos ou reflexões à turma gera constrangimentos e timidez, impedindo a observação do processo de construção do conhecimento. A maneira de expor argumentos precisa ser trabalhada em sala, onde o conflito e a contraposição de ideias constituem o espaço. Resaltamos que a construção do conhecimento científico tem por base verdades contextuais transitórias, futuramente contestadas. Este ponto traduz a necessidade de (re)criação prévia do clima de união entre os partícipes. Além do desafio em administrar conflitos com posturas que se coadunem às críticas e aos diálogos construtivos. Os estudos em gestão do conhecimento referenciam aspectos relacionados à necessidade de criação de um ambiente propenso ao compartilhamento e à confiança entre os sujeitos. A concorrência e competitividade, muitas vezes embutidas na metodologia tradicional de ensino-aprendizagem, são substituídas por condições de partilha e auxílio mútuo entre os discentes.

As razões destacadas denotam que trabalhar com *blogs* exige flexibilidade e adaptabilidade aos novos conceitos e conhecimentos, bem como a constante revisão dos pontos de vista. Não se capacita os discentes, os monitores e o mediador do debate apenas em termos de “absorção de conteúdos”, como destaca a noção “nutricionista” do conhecimento. Cria-se uma postura científica em sujeitos abertos às críticas e ao diálogo, alimentando a curiosidade do aprender. Ressignifica-se a ação pedagógica transformadora, que sinaliza caminhos para a emancipação, propiciando auxiliar na construção de personalidades capazes de se reavaliar e de ter autocrítica.

As análises dos caminhos a serem seguidos indicam os percursos que os partícipes conduzirão, demonstrando uma postura de abertura ao outro na relação pedagógica. Os envolvidos no processo se percebem conforme Freire (2002) assente: seres inacabados, em processo constante de revisão de si e de suas ações. Os partícipes não só aprendem a aprender, como também revêm, continuamente o próprio aprendizado; re-observam condutas em termos de flexibilidade e/ou intransigência aos seus colegas.

Por trás da aparência despreziosa, tal atividade tem redundado em relevantes ações. Os temas geradores dos discentes e as noções discutidas virtualmente com questionamentos permitem balizar um diagnóstico efetivo da compreensão dos aprendizes, dando ao docente a capacidade de revisar continuamente a aplicação e a efetividade da realização dos objetivos de aprendizagem, previstos no planejamento de aula. Os *blogs* tornam-se instrumentos componentes do ato pedagógico em si. Tornam-se elementos intrínsecos e inseparáveis do processo de construção dinâmica do período letivo, como parte indissociável do processo de ensino-aprendizagem. Nesse tom, Cipriano Luckesi (2011) atrela a avaliação de aprendizagem ao ato

pedagógico, devendo ser vista como intermediária na construção do diagnóstico da realidade conceitual dos aprendizes, evidenciando pontos que devem ser fortalecidos pelos mediadores do debate. Esta atividade proporciona o realce de pontos que no modelo tradicional de ensino ficariam obscuros, constituindo-se em aliados, com a capacidade de evidenciar fraquezas, intensificar forças, levantar oportunidades e detectar ameaças à construção do conhecimento discente.

Espiando sobre os muros: visitas externas de especialistas aos blogs

Além da “ciranda-cirandinha” podemos discutir como ação fundamentalmente promissora deste trabalho com os *blogs* em Arquivologia a contribuição de membros externos. A discussão virtual intensifica a participação de especialistas em temas específicos. Em outras palavras, há a extrapolação dos espaços de discussão, que na metodologia tradicional de ensino se resumem aos limites das quatro paredes.

A discussão virtual traz desdobramentos não intencionais que possibilitam rever as práticas da docência. A presença física do autor de algumas reflexões pode ser almejada pelos discentes, como aconteceu na UEPB, num evento nomeado “Roda de Prosa”, no ano de 2012 (atividade vinculada ao Projeto Integrador)¹⁴ onde o professor Renato Sousa, da UnB, foi convidado a destacar a funcionalidade do profissional de arquivo em termos de ações intelectuais, e não meramente técnicas, como frequentemente insistem os ambientes de estágios dos aprendizes.

A superação das barreiras físicas dos encontros contribui para novas possibilidades de reflexão. Discutir atividades com especialistas abordados pelos *blogs* proporciona aos aprendizes o contato direto com autores, característica que o distanciamento físico não pode oferecer. Na medida em que os discentes sabem que poderão conversar diretamente com o especialista sobre questões de sua área de expertise, quebra-se a mistificação dos autores como seres inatingíveis, permitindo conversar sobre o que fazer dos sujeitos, incentivando-os a serem pesquisadores e debatedores e, sobretudo, a terem senso crítico. A título de exemplificação, a discussão de Políticas Arquivísticas na UEPB teve a participação de uma mestrandia brasileira residente na Alemanha, acalorando o debate em torno da democracia e da escolha

14 O Projeto Integrador (PI) na UEPB consiste em uma tentativa de promover melhores práticas pedagógicas. Até o presente momento a ação tem garantido resultados promissores. No PI cada período (turma) apresenta um tema gerador, que deve orientar as disciplinas ofertadas e a tomarem como elemento de discussão. A título de exemplo, a “Roda de Prosa” serviu como atividade integradora do P6 noite em 2012.2, cujo tema era visibilidade social do arquivista. Sendo assim, todas as disciplinas deveriam intensificar discussões relacionadas a esta temática específica. Numa metáfora simplificadora: satélites (disciplinas) que giram em torno do planeta (tema do PI).

das agendas nacionais de políticas públicas. Em outra possibilidade, na mesma universidade, uma recém-mestra em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) pôde discutir a função de classificação de informações arquivísticas em instituições contemporâneas. Problematicamos o trabalho, trazendo alguns dilemas atuais da função. Tanto a autora pôde reavaliar os seus posicionamentos, quanto os aprendizes puderam ter contato direto com uma produção acadêmica que acabara de tomar forma.

Os trabalhos novos complementam as discussões ao “dialogar” com textos “clássicos”, deixando um espaço aberto para que os aprendizes possam traçar trajetórias de pesquisa. Buscamos caminhar, então, na direção da construção de um balanço da produção acadêmica tradicional, dialogada com textos contemporâneos, abrindo o escopo para que se possam trilhar futuros caminhos, espaços a serem preenchidos pelos discentes em seu percurso universitário. Não vemos, tais perspectivas como viáveis em um modelo tradicional de ensino.

Como resultado parcial, notamos que as discussões dos programas dos cursos acabam por se tornar produtos flexíveis, inacabados e abertos às demandas dos aprendizes. Foram constituídos recursos extremamente atualizados em termos de discussões, na medida em que os docentes estão sempre observando pesquisas e pesquisadores que pudessem realçar os debates virtuais e presenciais. Um balanço entre o tradicional e o renovador, com possibilidades de abertura à criatividade dos formandos e temas que poderão ser explorados em seus trabalhos finais de graduação.

Deslocar os limites da sala de aula para contemplar participações externas acaba por considerar novos trabalhos, dando oportunidade aos pesquisadores promissores de se pronunciarem. O conhecimento científico é tido cumulativo e progressivo. Com isso, podemos elaborar uma fonte de trabalhos relevantes, passível de ser acessado por qualquer interessado em qualquer parte do mundo pela rede *Web*.

Considerações finais

Em um primeiro momento discorreremos sobre a crise de criatividade à qual as universidades se submeteram. De vanguardistas à reprodutoras, estes centros de inovação correm o risco de perder a sua importância social. Faz-se urgente reavaliar o papel e as ações da docência: queremos grandes comentadores ou pequenos profissionais? Enquanto não conduzirmos o processo de graduação, voltado para a resolução de situações e problematização das questões sociais contemporâneas, estaremos contribuindo para intensificar o quadro de “esquizofrenia” acadêmica apresentado.

Por este motivo, perder de vista a discussão dos arquivos no contexto tecnológico é no mínimo uma negligência profissional injustificada. A sistemática de ensino-aprendizagem com *blogs* tenta preencher a inadequação dos princípios teóricos arquivísticos com a realidade contextual. Discutir arquivos sem tecnologia e fluxo de acesso à informação é inconcebível aos profissionais que têm por função gerenciar grandes volumes informacionais gerados sob a égide da comunicação eletrônica das organizações contemporâneas.

Desenvolver uma metodologia de trabalho cuja co-existência das duas abordagens de ensino-aprendizagem se torne realidade, nos fez repensar o ato pedagógico. Se no início das ações os *blogs* eram apenas instrumentos de aprendizagem, agora passam a extrapolar os objetivos iniciais. No momento atual, podem ser considerados componentes do ato pedagógico. Servem como elementos balizadores, que propiciam diagnosticar e problematizar a própria aprendizagem dos graduandos.

A autonomia é uma competência sempre almejada no processo de ensino-aprendizagem. Este é o grande destaque nas experiências abordadas neste texto. Esta metodologia de trabalho constitui um ambiente ativo, que proporciona ao aprendiz refletir suas próprias questões, capacitando-o a aplicar conhecimentos em futuros ambientes profissionais.

Um dos grandes desafios da Arquivologia está em problematizar questões contemporâneas, não contribuindo para a replicação e reprodução de saberes deflagrada pelos teóricos nas considerações iniciais deste texto. Aos questionamentos expostos por Julio Cabrera (2010) diríamos que não queremos grandes comentadores, muito menos pequenos arquivistas. Queremos profissionais problematizadores, com olhar crítico da natureza e constituição dos arquivos e da Arquivologia, ainda submersa em dogmas conceituais, construídos num contexto histórico completamente distinto da realidade atual.

Armando Malheiros Silva (2002) enfatiza uma Arquivística construída em bases conceituais frágeis, mantidas ainda sob dogmas inquestionáveis. Uma área sem muito poder de problematização acerca de seus próprios preceitos; sem autocrítica, elemento substancial para a transformação de qualquer campo científico. Parece-nos que a imagem que podemos retirar do olhar do colega português é que a Arquivologia se apresenta como um gigante, porém um gigante com os pés de barro.

O tipo de metodologia aqui defendida auxilia a Arquivologia como um todo, pois fomenta a criação, divulgação, difusão e debate de novos temas e opiniões. A inserção de situações-problemas, derivados de acontecimentos cotidianos auxilia duplamente o processo. Por um lado, permite ao graduando sentir-se capacitado para enfrentar desafios profissionais. Por outro, se espalha na sociedade a compreensão da importância dos arquivos no contexto social.

Demonstramos que as TIC auxiliam, efetivamente, na revisão dos conceitos arquivísticos. Motivação e prazer conduzem os discentes, fazendo com que muitos deles continuem alimentando seus *blogs*, mesmo após o encerramento da disciplina. O educador Rubem Alves diz que o aprender é uma ação que deve ser intrínseca ao gosto por se aventurar, à vontade de se arriscar e alçar voos desafiadores em busca de incertezas que conduzam a um novo “bater de asas”. Será que ainda devemos continuar discutindo arquivos com uma noção custodial e tradicional em contexto social contemporâneo de fluxo, acesso e compartilhamento? Esta é a questão que deve orientar nossos próximos voos.

Referências

- ABREU, M. C.; MASETTO, M. T. *O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- ÁVILA, R. F. *Vivarquívios: discussões conceituais contemporâneas*. Disponível em: <<http://vivarquívios.blogspot.com/>>. Acesso em: 29 set. 2012.
- BUARQUE, C. *O desafio da universidade*. In: BUARQUE, C. *A aventura da universidade*. São Paulo: Ed. UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. p. 13 -52.
- CABRERA, J. *Diário de um filósofo no Brasil*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2010.
- CHOO, C. W. *A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões*. São Paulo: SENAC, 2006.
- CHRISTOFOLETTI, R. *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. Momento editorial, 2009. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/libros/libros/blogfinal.pdf>> Acesso em: 16 set. 2010.
- CONTRERAS DOMINGO, J. *A autonomia de professores*. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2002.
- CORTESÃO, L. *Ser professor: um ofício em risco de extinção?: reflexões sobre práticas educativas face à diversidade, no limiar do século XXI*. Porto: Afrontamento, 2006.
- ENTRE os muros da escola. Direção: Laurent Cantet. Roteiro: Robin Campillo, Laurent Cantet e François Bégaudeau. Intérpretes: François Bégaudeau; Nassim Amrabi; Laura Baquela; Cherif Bounaidja Rachedi e Juliette Demaille. Paris: Imovision; Manaus: Sonopress-Rimo, 2008. 1 DVD (128 min.). son., color ; 4 3/4 pol.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GUTIERREZ, S. Distribuição de conteúdos e aprendizagem online. *Revista Novas Tecnologias na Educação*. Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 1-14, nov. 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/13685/16027>>. Acesso em: 16 set. 2015.
- ILLICH, I. *A sociedade sem escolas*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

- JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. Estudos de usuários em arquivos: em busca de um estado de arte. *Datagramazero: revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out04/Art_04.htm>. Acesso em: 20 jan. 2012.
- LOPEZ, A. P. A. A formação de arquivistas no Brasil: notas para um debate. In: VALENTIN, M. L. G. (Org.). *Estudos avançados em Arquivologia*. Marília: Oficina universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 181-196. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/estudos_avancados_Arquivologia.pdf>. Acesso em: 16 set. 2015.
- LOPEZ, A.; ÁVILA, R. Blogs de diplomática e tipologia documental como instrumento de aprendizagem: uma experiência da Universidade de Brasília (UnB). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 16., 2010, Santos. *Anais...* Santos: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2010. p. 1-12.
- LOPEZ, A.; ÁVILA, R. Blogs de diplomática e tipologia documental como instrumento de aprendizagem: uma experiência da Universidade de Brasília (UnB). In: ORTEGA, F.; CARDEÑOSA, L. (Ed.). *Nuevos médios; nueva comunicación: libro de actas del II Congreso Internacional de Comunicación 3.0*. Salamanca: Universidad de Salamanca: 2011. p. 1086-1098. Disponível em: <<http://comunicacion3punto0.files.wordpress.com/2011/05/comunicacion3punto0libroactas2010.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.
- LOPEZ, A. et al. Blogs como ferramenta de ensino-aprendizagem de diplomática e tipologia documental: uma estratégia didática para a construção de conhecimento. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 1, p. 86-99, out. 2011. Edição especial. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/10790/6098>>. Acesso em: 15 jul. 2012.
- LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico*. São Paulo: Cortez, 2011.
- PALMER, Parker J. *A coragem de ensinar: explorando a paisagem interior da vida de um professor*. São Paulo: Da Boa Prosa, 2012.
- SANTOS, B. S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SILVA, A. M.; RIBEIRO, F. *Das ciências documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Afrontamento, 2002.
- SILVA, A. M.; RIBEIRO, E. F. *A informação: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico*. Porto: Afrontamentos: 2006.
- SILVA, E. F. *Nove aulas inovadoras na universidade*. Campinas: Papyrus, 2011.
- VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.